

## **Adulter-infância: do dormir ao despertar, metamorfoses, gozos e reais que se mesclam na tecitura da subjetividade**

Luís Antônio Franckowiak Pokorski

### **Resumo**

Esse pequeno ensaio aborda a experiência analítica como uma vivência singular. Toma como ponto de partida uma vivência onírica, a partir da qual tece considerações sobre a análise, a situação de analisando e de analista, a situação de analista e de analisando, a importância da infância no se fazer adulto. Aborda a vida e a experiência analítica como construção de um texto e de uma narrativa, que se faz tecitura.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Experiência Analítica, Sonhos, Adulter-Infância, Narrativa.

O despertar é uma vivência muito própria. Contudo, o despertar segue certo ritmo, aonde a gente vai acordando desse estado de repouso biopsíquico necessário, um estado de quase morte.

Tempos atrás, após um sono de duas horas, no ócio de uma tarde de outono, comecei a despertar, num despertar demorado, mas de uma rica experiência onírica. No profundo do sono e do sonho, não sabia bem se estava na sessão analítica ou no meu quarto. Despertei lentamente deste revigorante sono. Bocejei, coisa rara. Espreguicei-me prazerosamente, distendendo os dois braços para além da cabeça e alongando modorra e preguiçosamente as pernas. Falei:

- Ôps!... Peguei no sono. Não sabia que estava na sessão. – O analista permaneceu silencioso. Interpretaria o meu silêncio? Deixara-me dormir com minhas possíveis resistências? Ou dormira com o meu sono, talvez aquele sono-desperto-vigilante de mãe cuidadora, mãe suficientemente boa?!

O analista permaneceu no seu silencioso silêncio. Eu, então, já estava meio acordado, ainda um pouco mergulhado em sono bom, nessa quase ausência de consciência, nessa abissalidade ontológica, quase uma volta ao mundo inorgânico, uma orgasmicidade do nada ou do Ser tudo. Então, finda a sessão, saí da sala envolta em suave penumbra, cobertor desse suave e doce dormir, sem antes pagar as sessões mensais ao analista, o que sempre fizera no início das mesmas.

Neste momento entrou para a próxima sessão um menino. Quase no mesmo instante, retornei ao analista e à sessão do menino, dizendo que conferisse o valor pago, me avisando se não tivesse certo o valor dado. E me fui embora, meio sonolento, “acordando-me” aos poucos da sessão.

A estação outonal, reveladora da dialeticidade da natureza, me remete ao movimento interno do sujeito, da subjetivação de cada um, subjetivação que se tece em textos conscientes de

si, textos não tecidos, textos perdidos, possibilidades de se tecer... Uma metamorfose outonal contínua que me remete às metáforas possíveis na vivência analítica.

Assim, no menino que entra para a sessão - e, ao que parece, a sessão não terminara, pois o adulto apenas aparentemente saíra - fica o adulto em sua permanência. Essa metamorfose se revela na experiência analítica, que é parte da experiência de vida do analisando, onde sempre se apresenta o bebê, a criança, a infância que se faz viva. Esta criança deseja mergulhar no gozo. Deseja nirvanamente dormir. Deseja ficar nadando no oceano amniótico. Deseja se embebedar nos lácteos córegos que escorrem das fartas montanhas.

A infância que se faz viva. Vida que traz o Édipo desperto em sua tragicidade, a realidade se colocando como horizonte necessário e espaço de possíveis possibilidades. Nascer para o humano vai exigir certo preço.

Neste adulto que sai, neste adulto que aí vai e neste menino que entra, se presentifica e se efetiva a experiência psíquica, num interjogo dialético, movimento contínuo, de contínua negação que se afirma, entre o que somos e o que podemos vir a ser. Entre o que nos percebemos, enquanto subjetividade, e o que não conseguimos des-velar, no misterioso oceano do que somos, recôndido mundo, abissais mistérios, forças e energias inconscientes, integrantes do nosso ser, possíveis textos, espaço de significantes, mundos e objetos a serem re-conhecidos, tecitura de ontologicidade e de identidade. É na identidade que se é, num horizonte aberto e em contínua tensionalidade.

Vejo essa experiência onírica como uma manifestação, certamente, de minha vivência e experiência analítica até aqui. Experiência vivida como membro e parte de uma Instituição de Formação Psicanalítica, como analisando e como analista. Neste adulto que sai (num não sair) da sessão, e se metamorfoseia na criança que nela entra, interpenetram-se o mundo do analisando e do analista, pois, sabemos, a vivência analítica se dá no encontro dos seus inconscientes. O analista aberto ao seu inconsciente e ao inconsciente do paciente, criando aquele espaço de sua escuta, espaço de acolhida, espaço semelhante, por que não, àquele que é expressão de uma maternagem-paternagem cuidadora, dando colo, sem o gozo sedutor, espaço de compreensão, significação e ressignificação de afetos, traumas, medos que precisam ser acolhidos e falados... ou seja, narrados, tecidos para formar um tecido.

Esta criança, metáfora da infância, é o fundamento libidinal da existência que se faz horizonte de possibilidades. Ela é portadora de energia desejante, significados, vivências arcaicas esquecidas, des-conhecidas e ou não-reconhecidas, experiências fundantes da subjetividade desejante e permanentemente constituinte. Ela, integrante da nossa personalidade, idade sem idade, viva, pulsa como força, desejo, ao longo da vida. Ela, pois, na vida e na experiência

analítica, brinca, se impõe, se faz presente de algum modo, até, como nos sonhos e, neste sonho descrito, querendo fazer parte da sessão analítica. Penso, naturalmente, que a Infância, seja como experiência, significada, narrada ou não, é seiva vivificante das outras fases da vida até a adultez. Daí a importância apontada, de modo unânime, para uma atitude de cuidado, uma atitude e um comportamento que atenda a uma maternagem suficientemente boa, para que esta etapa existencial seja construída e constituída, moldada por pulsões de vida, de um salutar gozo.

Dias atrás, numa sessão com um paciente, abordando a questão da identidade, me veio uma imagem que considero significativa, que indica bem essa dinâmica da vida psíquica, a realidade dessa interação adultez-infância, dessa eterna presentificação da infância na nossa experiência psíquica, a evolução de uma árvore. No interjogo dialético da vida biológica, o ser árvore em seu processo evolutivo (onde a negação se impõe para que se afirme a possibilidade da vida), os seus anos de vida podem ser contados pelas camadas facilmente identificáveis e visíveis, quando de seu corte. Parece que uma “nova árvore” vai se afirmando em cada nova camada do tronco. Contudo, cada camada do tronco se afirma a partir da camada anterior, que naturalmente remete à camada primeira, primordial, sua essência, o seu ser-árvore inicial, fundante, embrionário. Nossa vida psíquica vai acumulando, gestando-se nesse contínuo processo de experiências de vida, se forjando também a partir e “em cima” dessas vivências anteriores, fundantes, embrionárias.

Assim, como a vida pessoal se faz e significa a experiência do divã, o divã, enquanto espaço e lócus de subjetivação, continua sendo uma experiência vivida para além de si. Ou seja, o divã e a sessão analítica são uma parte da pessoa em análise. A análise é uma vivência do e para além do divã. E, o analista, o sujeito que vive a experiência analítica, analiticamente passa a assumir a sua subjetividade, a sua existência. De algum modo, mais conscientemente, começa a ler, a tecer e a re-tecer o seu inconsciente, numa luta sisífrica, processo dado, necessário, dimensão humana, imanentemente castradora, constituinte da subjetividade. A possibilidade de se falar de felicidade, saúde mental, equilíbrio pessoal e de realização se dá nesse horizonte.

Celso Gutfreind (2010), abordando a questão da parentalidade, fala sobre o valor da narrativa, indicando que no ser pai e no ser mãe ela é importantíssima. Se é pai e mãe pela narrativa, sendo que nós somos o que narraram de nós, desde que nascemos (e já somos pré-anunciados, certamente, nos discursos desejantes, antes de nosso nascimento).

Vejo a experiência analítica como uma vivência única, na sua singularidade única, como única é a subjetividade de cada sujeito. Sim, a vivência analítica é uma vivência no e para além do divã, espaços de mútua influência, possibilitando-se nesse interjogo a tecitura da subjetividade, que, como o presente texto, se faz tecitura. Viver conscientemente é tecer, pois,

essa subjetivação. Fazer-se texto, fazer-se uma narrativa, tecer-se como ser, reconhecendo-se na e em sua identidade.

O humano e o psíquico se reconhecem em mim pela narrativa. Preciso dizer que sou e quem sou, na tecitura da minha subjetividade.

Fecho esse texto com um meu pequeno poema, **Eu:**

Eu  
laivo de Infinito  
poeira cósmica  
argila crua  
escultura de possíveis...

Eu  
acalanto de regaço materno  
seio materno derramando em Via-Láctea  
seiva alva a amamentar a alma.

Eu  
revolta profundeza oceânica  
voo suave de andorinha  
estações que se acasalam  
e a paz da volta ao lar...

Eu  
milagre de um terno olhar  
espelho constituinte do meu ser  
capacidade

Eu  
um mistério a se fazer perguntas  
verbo a se fazer vida  
rio em diamante que escorre ao vento  
criança com pressa de crescer  
com vontade de comer o tempo!

Eu...

### **Referências**

GUTFREIND, Celso. *Narrar, ser mãe e ser pai & outros ensaios sobre a parentalidade*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.